

CHAMADA CATIVANTE

A partir da última década da sua vida, a qual passou hospitalizado registrando seu lento caso com a morte, Blecher produziu A toca iluminada, uma obra assombrosa, visionária em suas incursões metafísicas e insuportavelmente concreta em seu retrato da dor física e da degradação.

Da década que viveu hospitalizado, Blecher extraiu A toca iluminada, obra em que fantasia sobrepõe-se a realidade e a vida interior passa a assumir um papel cada vez mais ampliado como modo de escapar ...

A toca iluminada apresenta as experiências de Blecher em sanatórios durante a década de 1930, onde a vivência na espécie de um mundo-bolha pode se sobrepor à realidade, por vezes estranha e cheio de rotinas. E é nesse lugar que sua vida interior passa a assumir um papel cada vez mais ampliado

Publicado postumamente em 1971, *A toca iluminada: diário de sanatório* é estruturado a partir de eventos biográficos do autor. Em meio ao período que esteve internado em um sanatório, Blecher confronta-se com os limites da memória, na medida que busca capturar momentos de sua vida enquanto esvaem-se como “cinzas que passam por uma peneira”. Focando em “cada instante narrado, como quem coloca uma espécie de lupa imaterial sobre a própria passagem do tempo”, Blecher descreve o período na fronteira entre a realidade e o sonho. À medida que sua condição se agrava, devendo permanecer permanentemente acamado, a vida do narrador migra para os limites de sua consciência: uma *toca iluminada*, onde a realidade se confunde com a fantasia, o surreal com o mundano, captando, o mais plenamente possível, o mundo que aos poucos lhe escapa. É nesse movimento, de completa interiorização das experiências, que Blecher mostra-se capaz de extrair “dos abismos, das trevas e do nada toda uma constelação iluminada: aquela de uma vida interior que fulgura na escuridão”.

O autor **Max Blecher** (1909–1938), saudado por Eugène Ionescu como o “kafka romeno”, nasceu em Botoani, Romênia, filho de bem-sucedidos comerciantes judeus do ramo da porcelana. Coursou o liceu em Roman, e em 1928 matriculou-se no curso de medicina da Universidade de Rouen, na França, mas foi



Título *A toca iluminada: diário de sanatório*

Autor Max Blecher

Posfácio Luis S. Krausz

Tradução Fernando Klabin

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-835-5

Páginas 138

Preço 49,00

obrigado a abandoná-lo pouco tempo depois ao ser diagnosticado com tuberculose espinhal. Volta então para Roman, onde faleceria em 1938, dez anos após uma sequência de internações hospitalares. A década em sanatórios lhe rendeu muitos escritos, como as correspondências com André Breton, líder do movimento surrealista francês, e com o filósofo alemão Martin Heidegger, e os livros *Corpo transparente*, *Corações cicatrizados* e *Acontecimentos na irrealidade imediata*, além de *A toca iluminada*, uma publicação póstuma.

Sobre o autor

Sobre o tradutor

Sobre o posfaciador

Trechos do livro

- Tudo aquilo que escrevo foi, um dia, vida de verdade. Mas, sempre que penso isoladamente em cada instante que passou e tento revê-lo, reconstituí-lo, ou seja, restabelecer sua luz específica, sua tristeza ou sua alegria específica, a impressão que ressurgue, antes de qualquer coisa, é a da efemeridade da vida que se escoia e, em seguida, a da completa ausência de valor com que esses instantes se integram naquilo a que chamamos, em poucas palavras, de existência de uma pessoa. Seria possível dizer que as lembranças da memória desbotam do mesmo modo como as que conservamos numa gaveta.
- Não raro me ocorre ver, e ver de olhos bem abertos, coisas estranhas que só têm como acontecer em sonho e, noutras ocasiões, sonhar de olhos fechados durante o sono ou em simples devaneio coisas que, quando tento recordar, não consigo mais discernir em que mundo, em que realidade haviam se sucedido.
- É o deserto dos acontecimentos do mundo que rodeia cada vida, e cada vida permanece solitária e isolada nesse deserto absoluto de fatos que não param de ocorrer, sempre.
- Pois então, observei que justamente isso forma o núcleo do sofrimento, e a conclusão foi simples: para escapar da dor, não devemos procurar “escapar” dela, mas, pelo contrário, devemos “cuidar” dela com atenção máxima. Atenção máxima, e proximidade máxima. Até o ponto de a perceber em suas mínimas fibras.